

Entrevista¹

Waldomiro de Castro Santos Vergueiro

Graduado em Biblioteconomia e Documentação pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1977), mestre (1985) e doutor (1990) em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, possui ainda pós-doutorados pela *Loughborough University of Technology* (Inglaterra) e *Universidad Carlos III de Madrid* (Espanha). Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, atua na graduação em Biblioteconomia, bem como no mestrado e doutorado em Ciência da Informação e Ciências da Comunicação, tendo orientado diversos mestrados e doutorados, além de supervisionado diversas pesquisas de pós-doutorado.

O professor Waldomiro Vergueiro notabilizou-se na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação como um dos precursores no estudo do desenvolvimento e gestão de coleções e na área de qualidade de serviços de informação. Além disso, firmou-se como um importante pesquisador na área de História em Quadrinhos. Atualmente é professor titular aposentado da ECA/USP, mas mantém-se na ativa, como professor e orientador, coordenando o Observatório de Histórias em Quadrinhos, por ele fundado, também na ECA/USP, responsável pela publicação da revista *9ª Arte*, da qual é editor. Publicou dezenas de artigos em periódicos científicos nacionais e internacionais, e escreveu e/ou organizou mais de uma dezena de livros, entre os quais podem ser destacados: *Seleção de Materiais de Informação*, *Aquisição de Materiais de Informação*, *Qualidade em Serviços de Informação*, *Novas Tendências em Gestão da Informação*, *Como usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula*, *História em Quadrinhos no Brasil*, *Quadrinhos na Educação: da Rejeição à Prática*, *Os Pioneiros na Pesquisa em Quadrinhos no Brasil* e *Muito além dos Quadrinhos*.

¹ A entrevista contou com a colaboração do Prof. Dr. Marco Antônio de Almeida.

InCID: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 170-183, set. 2015/fev. 2016

InCID: Você possui uma longa trajetória no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Poderia nos contar um pouco sobre quais foram seus contatos iniciais com esses campos e como decidiu dedicar-se profissionalmente a eles?

Waldomiro Vergueiro: Não posso dizer que sonhei desde criança em trabalhar no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Embora sempre tenha sido um frequentador assíduo de bibliotecas e um leitor voraz, jamais me imaginei do outro lado do balcão. Em criança, minha pretensão era cursar medicina. Não tenho a mínima ideia de onde havia vindo essa minha ideia de seguir essa carreira, pois não tinha a mínima vocação para essa área e sempre tive grande aversão por sangue ou qualquer tipo de dano físico. Costumo até dizer que sou um covarde nato, pois morro de medo de injeção. Não consigo sequer me imaginar aplicando uma em alguém.

Na adolescência, vivendo em uma cidade pequena do interior de São Paulo e exercendo alguma liderança estudantil durante o curso colegial – hoje ensino médio -, acabei me envolvendo, com alguns colegas, na organização da biblioteca pública da cidade. Inauguramos a biblioteca e eu comecei a me interessar mais pelo assunto. Foi quando descobri que existia um curso relacionado à organização de bibliotecas e decidi cursá-lo. Vim para São Paulo, prestei o vestibular, arrumei emprego em uma biblioteca e depois de três anos me formei bibliotecário.

InCID: Como se deu sua entrada na Academia e quais foram suas primeiras experiências? Poderia nos traçar um retrato do campo da Biblioteconomia naquele momento, quais as questões e autores que mobilizavam seus interesses?

Waldomiro Vergueiro: Eu nunca planejei entrar na academia e seguir a carreira docente. Quando terminei o curso de Biblioteconomia, queria continuar meus estudos e decidi ingressar na pós-graduação, desenvolvendo uma pesquisa sobre algo que sempre me atraiu muito, as histórias em quadrinhos. Consegui ser aceito na USP e iniciei a pós-graduação na Escola de Comunicações e Artes da USP. Ao mesmo tempo, trabalhava em uma biblioteca especializada na Secretaria Estadual de Agricultura. Durante o curso, surgiu uma vaga de professor no Departamento e meu orientador me chamou a atenção para a oportunidade de ingressar na USP como auxiliar de ensino. Eu estava descontente com meu serviço na biblioteca e pensava em buscar outros horizontes. Meu orientador, Prof. Dr. José Augusto Vaz Valente, apresentou meu nome na reunião do Conselho Departamental e eu fui escolhido. Esse processo todo ocorreu de

uma forma bastante curiosa: na realidade, além de meu orientador, quase ninguém me conhecia; mas, para sorte minha, o outro candidato, “apadrinhado” pela profa. Neusa Dias de Macedo, não agradava aos membros do Departamento. Assim, eu, um “ilustre desconhecido”, me vi contratado como auxiliar de ensino no Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP. Confesso que não tinha, então, a mínima ideia do que ia ensinar lá.

Era o ano de 1983. Eu estava formado há pouco mais de 4 anos. Tinha sete anos de atuação na área, inicialmente como auxiliar de biblioteca e técnico de documentação e posteriormente como bibliotecário de biblioteca especializada. Confesso que tinha pouco conhecimento ou familiaridade com o panorama geral da Biblioteconomia no país. Havia me concentrado no exercício da profissão, apenas, e em dar início a minha família (havia casado em 1979 e já tinha dois filhos; mais dois viriam nos anos seguintes...). Assim, tudo o que aprendi do panorama da Biblioteconomia, vim a fazê-lo depois de meu ingresso como professor no Departamento.

Eu não o sabia, então, mas 1983 era um ano-chave para a Biblioteconomia brasileira. Um novo currículo mínimo havia sido aprovado pelo Conselho Federal de Educação e deveria entrar em vigor em 1985. As escolas tinham dois anos para se organizar em relação ao novo currículo e criar um novo curso. Era o que o Departamento estava fazendo naquele momento, distribuindo o currículo mínimo em disciplinas, elaborando ementas, organizando essas disciplinas em áreas e atribuindo-as aos professores. A coordenadora da graduação era a mesma professora Neusa, que, acredito eu, absolutamente não guardou qualquer mágoa contra mim por ter vencido seu candidato na indicação do Conselho Departamental. Ela apenas me chamou, explicou o que estava acontecendo, e me disse que existia uma matéria nova no currículo, uma tal de Formação e Desenvolvimento de Coleções, que ninguém sabia muito bem o que era, e que eu, como estava chegando naquele momento, deveria assumi-la. Não acredito que tenha feito por mal, mas apenas movida pelas circunstâncias.

Eu não tinha a mínima ideia do que ela estava me propondo e nem imaginava que poderia eventualmente ter recusado a atribuição da disciplina; e por isso, aceitei o encargo de ministra-la a partir da entrada em vigor do novo programa. Fui atrás de bibliografia nacional e internacional, de conceitos e definições da área, de formas de ministrar o novo conteúdo. Ninguém me ajudou em nada, ninguém me orientou como dar aula, ninguém me ofereceu qualquer conselho amigo sobre como me comportar perante os alunos, como organizar minha aula, como usar o quadro negro. Tudo que hoje sei, aprendi na marra, por erros e acertos. Espero

ter acertado mais do que errei, embora tenha que confessar que alguns erros foram até bem pitorescos: como ninguém sequer me disse o horário exato da aula quando comecei a trabalhar como auxiliar de ensino, eu passei dois ou três anos dando aula das 8h00 até o meio dia e vendo a cara cada vez mais aflita dos alunos que precisavam sair para o trabalho. Até que um dia um deles criou coragem e me informou: professor, a aula termina às 11h45...

Consegui montar a disciplina e, ao ministra-la, passei a gostar e entender melhor a importância daquela especialidade da Biblioteconomia. Passei a aprofundar meus conhecimentos em relação a esse tema, produzindo artigos sobre ele, dando cursos de extensão e apresentando trabalhos em congressos. Terminado o mestrado, iniciei o doutorado logo em seguida, desta vez desenvolvendo uma pesquisa sobre Desenvolvimento de Coleções e não mais sobre histórias em quadrinhos. Passei a me envolver cada vez mais com esse tema e aos poucos passei a ser visto como um especialista em Desenvolvimento de Coleções, no mesmo nível da professora Nice Menezes de Figueiredo, praticamente a única que havia se debruçado sobre o assunto antes de mim. Em 1989, elaborei e publiquei, pela Editora Polis e Associação Paulista de Bibliotecários, de São Paulo, por incentivo de seu presidente, meu amigo e colega na ECA, o prof. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, o primeiro livro exclusivamente sobre Desenvolvimento de Coleções no país. Era um livro de tamanho pequeno, escrito de forma bem coloquial, tentando emular os livros da Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense, que eram então muito populares e traziam enfoques introdutórios sobre temas importantes. Tínhamos em mente, então, desenvolver uma coleção de manuais para uso por alunos de graduação e bibliotecários recém-formados. Meu estilo de escrever agradou bastante a esse público e meu livro foi muito bem recebido, tornando-se referência na área e sendo utilizado em todos os cursos de Biblioteconomia do país. Isso foi muito bom para mim, pois jamais soube escrever de forma rebuscada. Depois desse primeiro livro, escrevi vários outros, publiquei muitos artigos e, de uma certa forma, acabei norteando a maneira como o tema foi tratado pela Academia e pelos profissionais. Não planejei isso. Simplesmente aconteceu.

InCID: Você teve experiências no exterior, inicialmente na Inglaterra e depois na Espanha. Quais diferenças, profissionais e acadêmicas, você percebeu em relação ao ambiente brasileiro, e como essa vivência refletiu-se em sua trajetória?

Waldomiro Vergueiro: Minha primeira experiência de viagem à Europa ocorreu em 1993, quando fui apresentar um trabalho sobre histórias em quadrinhos em Lucca, na Itália. Nessa viagem, aproveitei para dar uma esticada até a Inglaterra, onde conversei com professores de várias faculdades de Biblioteconomia, visando realizar um pós-doutoramento no exterior. Falava-se muito nisso no Departamento naquela época, mas ninguém havia realmente se aventurado a tanto. Éramos todos relativamente jovens ainda – na faixa dos 35 anos -, muitos com filhos ainda pequenos, como era o meu caso, e as dificuldade para se deslocar e viver no exterior eram muitas. Eu decidi ousar e fiz um projeto nesse sentido, que enviei e foi aprovado pelo CNPq. Consegui negociar no Departamento que alguns colegas me substituíssem durante minha ausência, assumindo o compromisso de devolver o favor em algum momento futuro (o que fiz, pelo menos para um deles, alguns anos depois). E foi assim que, em 1994, parti com destino à Inglaterra, para realizar um estágio de pós-doutoramento no *Department of Information and Library Studies (DILS)* da *Loughborough University of Technology*, na cidade de Loughborough, no condado de Leicestershire. Era uma cidade pequena, com cerca de 50 mil habitantes, algumas poucas indústrias – uma delas sendo uma das maiores editoras de literatura infantil da Inglaterra, a *Ladybird*, e uma universidade bastante ativa. Na realidade, vim a descobrir lá, grande parte da cidade girava em torno da universidade.

Meu pós-doutoramento no exterior foi um período fascinante. Uma experiência ao mesmo tempo reveladora e enriquecedora. Pude me dedicar a pesquisar a fundo a temática da aplicação da gestão da qualidade em bibliotecas públicas, tema do projeto que encaminhei ao CNPq. Pude conhecer uma nova realidade acadêmica, convivendo com novos colegas e professores em um ambiente acadêmico bem diferente do brasileiro. Havia um distanciamento em termos humanos, reconheço (afinal, eram todos ingleses...), mas o ritmo de produção era marcante. Com o acompanhamento de minha supervisora de pós-doutoramento, a professora Margareth Evans, que atuava na área de gestão de unidades de informação, dei cumprimento a um calendário de visitas técnicas a bibliotecas e profissionais, de leituras específicas, de elaboração de artigos científicos, que ajudaram a ampliar a visão que eu tinha da Academia e do meu papel como produtor de ciência. Foi um ano de aprendizado, de ingresso em uma outra forma de atuação como pesquisador, de abertura para as possibilidades da área de Ciência da Informação e de como esta era afetada pelas mudanças que ocorriam na sociedade. Foi também

um ano de descobrimento pessoal, pois me dei conta, então, que gostava de dar aula, que a docência me realizava profissional e pessoalmente. Vou me lembrar para o resto da minha vida daquele dia, já no meio do meu período de pós-doutoramento, em que parei à frente da porta aberta de uma sala de aula, na qual um professor estava ministrando uma aula. Fiquei ali parado, olhando o colega, e descobri, para minha surpresa e espanto, que gostaria de estar no lugar dele naquele momento. E assim, sem mais nem menos, eu me vi sentindo saudade dos meus alunos e descobri minha vocação de professor. E eu já lecionava na Universidade de São Paulo, então, há mais de 10 anos. Devo reconhecer que às vezes sou um pouco lento para entender algumas coisas. Defeito de formação, provavelmente.

No meu retorno ao Brasil, engajei-me em um diferente ritmo de produção. Internamente ao Departamento, estreitei laços com alguns colegas, participando de um grupo de que buscava pensar as relações entre informação e educação. Engajei-me também com mais denodo na pós-graduação, ministrando disciplinas e formando meus primeiros mestres e doutores. Desenvolvi projetos de pesquisa na área de qualidade em serviços de informação, elaborei minha tese de livre-docência, defendida em 1998, a partir da pesquisa que realizei em Loughborough, que depois publiquei em livro. Escrevi vários outros livros na área de desenvolvimento de coleções, elaborei dezenas de artigos, tanto sozinho como em colaboração com alunos, colegas e profissionais da área, além de engajar-me na área administrativa, coordenando diversas comissões. Desenvolvi minhas atividades em um ritmo frenético, era o primeiro a chegar na escola e normalmente um dos últimos a sair - houve anos em que sequer tirei férias, algo de que me arrependo até hoje. Todo esse ritmo foi resultado de meu período de pós-doutoramento em Loughborough.

Muitos anos iriam passar antes de eu viver outra longa experiência no exterior. Isso só viria a ocorrer no início dos anos 2000, quando fiquei alguns meses na Universidad Carlos III de Madrid, no âmbito de um projeto em parceria com aquela universidade. Eu coordenava a equipe brasileira, enquanto a espanhola era coordenada pelo professor José Antonio Moreira Gonzalez, catedrático e decano do Departamento de Comunicação e Documentação da UC3M, no campus de Getafe. Eu já estava então em um momento mais avançado da minha carreira, e pude trabalhar em um outro nível, desenvolvendo uma parceria muito frutífera com os colegas da Espanha. Mais do que em Loughborough, em Getafe eu era um parceiro, chamado para reuniões, consultado sobre diversos assuntos, convidado para participação em aulas, cursos, bancas de avaliação de dissertações e teses. Já conhecia o José Antonio há mais de quinze anos, quando ele esteve durante um ano na USP e nossa reaproximação ocorreu naturalmente, com o

interesse profissional se mesclando a uma sincera amizade, que apenas cresceu e se fortaleceu com os anos. Desenvolvemos vários projetos juntos, tanto no Brasil como na Espanha, escrevemos trabalhos e artigos científicos em colaboração, participamos de muitas bancas juntos. Tive, inclusive, a felicidade e o privilégio de tê-lo como membro da minha banca de professor titular.

Entendo que a experiência de uma vivência mais longa no exterior é essencial para qualquer docente. Ela nos ajuda a atingir uma outra perspectiva de atuação, a nos abriremos para um diálogo com o mundo e não mais apenas com a nossa pequena aldeia, a deixarmos de ser provincianos. Ela nos leva a valorizar algumas de nossas conquistas e a melhor compreender as nossas limitações. Ela nos permite atingir um novo nível de trabalho em colaboração. Aconselho, até, que essa experiência no exterior comece antes mesmo do final da formação, já durante o doutoramento, se possível, por meio de um doutorado sanduíche.

InCID: A Ciência da Informação e a Biblioteconomia se consolidam hoje como campos acadêmicos, e o mundo profissional se diversifica cada vez mais nessas áreas. O que você pensa a respeito dessa cena contemporânea, quais aspectos chamam-lhe mais a atenção?

Waldomiro Vergueiro: Eu penso que faço parte de uma geração privilegiada. Uma geração que viu mudanças muito rápidas e muito marcantes ocorrerem na área de informação. Quando entrei na Universidade como aluno, há 40 anos, podíamos apenas vislumbrar as mudanças que estavam por vir, mas jamais imaginávamos que elas seriam tão avassaladoras. Quando iniciei minha atividade como professor, eu podia me aventurar a dizer a meus alunos onde eles poderiam atuar profissionalmente ao final do curso. Hoje já não ousaria fazer isso, pois não tenho segurança em relação à qual será a realidade do mundo da informação daqui a quatro anos (ou menos até). As coisas foram se modificando a uma velocidade estonteante. E continuam a fazê-lo. Eu presenciei os primórdios da comunicação eletrônica, quando os computadores ainda eram máquinas monstruosas e gigantescas, desvendadas apenas por uns poucos privilegiados. Eu vi os meios de comunicação se diversificarem, o surgimento dos telefones celulares, a popularização da internet, o aparecimento e disseminação das redes de compartilhamento. Eu nasci praticamente junto com a primeira explosão bibliográfica e depois presenciei várias outras, na medida em que os formatos de armazenamento e disseminação da informação se diversificaram e ficaram cada vez mais acessíveis. Eu vi o livro impresso evoluir para o CD-ROM e depois para o ebook e pode até ser que ainda o veja evoluir para algo mais.

O que me chama mais a atenção, nisso tudo, é o fortalecimento da necessidade de mecanismos de mediação da informação. Não sei que nomes terão, não sei que características terão, não sei o peso que terá a tecnologia no design desses mecanismos, não sei qual será o nível de participação humana que eles irão admitir. Mas sei que eles são e continuarão a ser cada vez mais necessários. É esse o espaço privilegiado, em minha opinião, para atuação do profissional da informação, que terá que se reinventar – provavelmente, não apenas uma vez, mas muitas e muitas vezes – para fazer frente às novas demandas de informação que esse mundo em ebulição faz aflorar. As perspectivas são fascinantes. E aterrorizantes também.

InCID: Você também possui um longo histórico no campo das Histórias em Quadrinhos, e em muitos momentos estabeleceu pontes originais e singulares entre esse universo e os campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Pode nos contar um pouco sobre essa trajetória?

Waldomiro Vergueiro: Eu sempre fui um fanático leitor de gibis. Diríamos, hoje, um verdadeiro nerd. Cresci comprando, trocando, lendo e colecionando histórias em quadrinhos. Elas sempre foram minha grande paixão. Eu as lia antes mesmo de saber ler, admirando suas cores, seus personagens, seus elementos constituintes (os balões, as onomatopeias, as metáforas visuais). Eu me identificava com os personagens dos gibis, especialmente os super-heróis, e fazia qualquer coisa para ter acesso a revistas em quadrinhos. Lembro-me, inclusive, de uma viagem para Santos, quando me perdi de meus familiares na Rodoviária de São Paulo e fui encontrado dentro de uma banca de revistas, maravilhado antes a oferta de títulos que ali existia. Ao mesmo tempo, eu tive que conviver com a repressão a minha preferência de leitura, considerada de segunda categoria, que nada tinha de bom, que apenas desvirtuava as minhas ideias e me afastava de leituras mais importantes. Ataques que eu achava muito curiosos, pois sempre fui também um voraz leitor de livros de todos os tipos. Mas não sabia como enfrentar os ataques contra os quadrinhos. Apenas persistia em sua leitura.

Quando vim para São Paulo e iniciei o curso de Biblioteconomia, comecei a ter acesso a um leque maior de livros teóricos, entre eles alguns que tratavam de quadrinhos. Foi quando conheci os livros de Álvaro de Moya, de Moacyr Cirne, de Antonio Luiz Cagnin, de Diamantino da Silva, de Dorfman e Mattelart, que se debruçavam sobre vários aspectos da 9ª Arte. Essa ampliação de conhecimento sobre meu interesse de leitura despertou em mim o desejo de conhecer ainda mais os quadrinhos, de estudá-los a fundo e mergulhar no mundo de sua

produção, de seus significados, de suas proposições críticas. Ao optar pela continuação de meus estudos, no mestrado, foi quase natural a escolha das histórias em quadrinhos como tema. Assim, desenvolvi um projeto que enfocou as histórias em quadrinhos como meio de comunicação de massa, analisando aspectos da indústria cultural segundo as premissas da Escola de Frankfurt e bebendo na fonte de obras como *Para ler o Pato Donald*, de Dorfman e Mattelart, *Apocalípticos e Integrados*, de Umberto Eco, e *Tio Patinhas e os Mitos da Comunicação*, de Orlando Miranda, além das obras de Moacyr Cirne e do suporte de autores clássicos da Comunicação, como Marshall McLuhan e outros. Ao mesmo tempo, fui me aproximando de produtores de quadrinhos, artistas e editores brasileiros, trocando idéias com outros pesquisadores no Brasil (éramos poucos, então) e no mundo.

A entrada como professor na Universidade me obrigou a dividir minha atenção entre a pesquisa e docência na Biblioteconomia – que representava, na realidade, o meu ganha-pão e a profissão que escolhi na vida, decisão da qual jamais me arrependi –, e as histórias em quadrinhos – a voz da paixão, o recorte do conhecimento ao qual, por escolha pessoal, decidi dirigir minhas reflexões. Assim, ao longo de minha carreira, fui dividindo minha atenção nas minhas duas áreas de interesse, levando-as em paralelo, produzindo intelectualmente para as duas e conseguindo fazer com que ambas convivessem em harmonia. Tive a felicidade de me deparar com circunstâncias favoráveis para esse “desdobramento” intelectual: estar em uma escola que abrangia, ao mesmo tempo, as áreas de comunicações e de artes, onde as histórias em quadrinhos já constituíam objeto de interesse acadêmico e onde já existiam professores que a elas se haviam dedicado, como Sonia Luyten, Alvaro de Moya e Antonio Luiz Cagnin, ingressar na escola num momento em que esta vivia uma efervescência intelectual, com o retorno de velhos mestres e a reorganização de sua pós-graduação, e várias outras coisas que atuaram favoravelmente à minha atuação em duas frentes.

Tive sempre o cuidado de garantir que uma atividade não interferisse na outra, de forma, especialmente, a não prejudicar a minha atuação no Departamento de Biblioteconomia e Documentação, que, afinal, representava a razão de minha atividade na ECA. Afinal, eu fui contratado como professor da Biblioteconomia e para ela deveria voltar o melhor de meus esforços intelectuais e de minha produção acadêmica. Foi o que tentei fazer durante toda a minha carreira, fortalecendo a área e elaborando muitos trabalhos que visavam colaborar para o seu desenvolvimento. Acredito que consegui ter uma atuação relevante. Ao mesmo tempo, busquei também identificar elementos que pudessem levar à confluência de meus dois interesses e consegui encontrá-los no aspecto educativo da Biblioteconomia. Assim, quando

ocorreu a mudança do programa de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes e passamos a ter programas individuais de pós e não mais um grande guarda-chuva onde as diversas áreas de concentração atendiam aos diversos departamentos, eu me engajei em uma linha de pesquisa denominada *Informação, Comunicação e Educação* e nela consegui realizar a convergência dos quadrinhos com a Ciência da Informação. Passei a ministrar disciplinas de pós-graduação que refletiam sobre esta convergência, escrevi artigos científicos sobre o tema, organizei um primeiro livro sobre quadrinhos e educação, orientei diversas pesquisas de mestrado e doutorado que enfocavam quadrinhos e informação.

A partir daí, as coisas foram acontecendo naturalmente. Os alunos do curso de Biblioteconomia me procuraram cada vez mais para orientá-los em suas pesquisas de conclusão de curso sobre histórias em quadrinhos, as outras escolas passaram a me convidar para ministrar palestras ou até mesmo disciplinas sobre quadrinhos e informação, alunos de pós-graduação de outros cursos de Ciência da Informação me contataram pedindo bibliografia, convidando para participar de suas bancas, enviando-me o resultado de suas pesquisas. E eu perdi a vergonha de dizer, na Ciência da Informação, que estudava histórias em quadrinhos, descobrindo inclusive, com muita satisfação, que outros colegas também gostavam do tema. E, melhor ainda, que também eles passaram a criar oportunidades para que seus alunos se dedicassem ao estudo dos quadrinhos em sua relação com a área de informação. Nesse sentido, fui um privilegiado, pois pude ver, na última parte de minha carreira, as duas áreas confluindo cada vez mais. Como indicador de realização pessoal, isso é difícil até mesmo de mensurar.

InCID: Ainda no que diz respeito às Histórias em Quadrinhos, como avalia o espaço que elas ocupam no cenário cultural contemporâneo? Você acha que a Academia (e em particular a CI) já incorporou essa expressão cultural como objeto digno de reflexão, ou ainda há territórios a se explorar nessa relação?

Waldomiro Vergueiro: Ao se deparar com um livro de literatura, o critério de julgamento que alguém utilizará não será o da comparação com a pior obra existente, mas, sim, com os clássicos literários, com as melhores obras existentes. Ao se deparar com um filme, o parâmetro de julgamento não serão os filmes B ou os fabricados de forma canhestra em estúdios anônimos com poucos recursos financeiros e de baixa qualidade técnica, mas, sim, com as obras de grandes diretores, reconhecidos e consagrados. Durante muitos anos, com as histórias em quadrinhos, ocorreu exatamente o oposto. Diversamente ao que aconteceu com outras manifestações culturais, elas sempre foram julgadas por seus representantes mais baixos, mais vulgares, de pior qualidade artística ou de conteúdo temático. Costumava-se afirmar, genericamente, que as histórias em quadrinhos eram divertimento de baixa exigência intelectual, dirigidas para crianças, que deviam ter seu acesso a elas monitorado e vigiado pelos adultos, e daí se concluiu que “nenhuma” produção quadrinística poderia ter qualidades mais profundas. Qualquer pessoa que tivesse uma vez se deparado com uma história em quadrinhos ruim – e existem muitas, da mesma forma como existem livros, filmes, peças de teatro ruins –, chegava à conclusão de que todas as demais histórias em quadrinhos eram como essa. E daí vinha a conclusão lógica sobre o meio, negando à linguagem quadrinística a possibilidade mesma de ser utilizada para trabalhar temas mais profundos que narrativas humorísticas, de aventura, de amor ou, no extremo, pornográficas. Qualidades artísticas? Nem pensar. Profundidade temática? Nem brincando. Reflexão social ou psicológica? Estariam sempre muito longe disso. E essa visão negativa englobava também os defensores do meio: extravagantes, pouco profundos, não científicos, irreverentes e outros adjetivos pouco lisonjeiros que seria aborrecido arrolar aqui.

Felizmente, as coisas mudaram. As histórias em quadrinhos têm passado, nos últimos anos, por um processo de reavaliação cultural. De párias da cultura letrada, passaram a ser vistas como expoentes de uma arte legítima, com seus grandes autores, seus clássicos, suas obras-primas. De inimigas da educação, passaram a ser encaradas como tendo potencial para trazer um novo enfoque ao processo educativo, criando novos paradigmas e fortalecendo a educação formal. De uma linguagem exclusivamente voltada para o divertimento e a evasão, passaram a ser aceitas como adequadas ao tratamento de temas mais sérios, atendendo a áreas como a

História, o Jornalismo, a Biografia, a Literatura, o Cinema, na Ciência da Informação, etc. Os quadrinhos ingressaram nos museus e nas bibliotecas. Invadiram a produção cinematográfica e televisiva. Viraram ícones da moda. Transformaram-se em comunidades de relacionamento. Granjearam admiradores famosos (o atual presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, confessou-se um voraz leitor de quadrinhos, por exemplo). Atingiram um nível mais elevado de respeito por parte da sociedade.

Tudo isso não ocorreu por acaso e nem eu me aventuraria a afirmar que vivemos o melhor dos mundos possíveis, como diria Voltaire. Vira e mexe, os antigos estranhamentos retornam, o velho preconceito aflora, o tradicional desconhecimento sobre o meio mostra a sua cara. Como ocorreu no incidente, alguns anos atrás, da inclusão da obra *Dez na área, um na banheira e ninguém no gol*, do cartunista Caco Galhardo, entre os livros que foram distribuídos para bibliotecas escolares do estado de São Paulo, que era acusado de conter palavrões (o que realmente continha) e não ser adequado a bibliotecas escolares (e que até pode mesmo não ser, dependendo do nível de ensino de que se esteja falando). Ou com a denúncia de um diretor de escola sobre o conteúdo pedófilo constante da *graphic novel Um contrato com Deus*, produzida pelo quadrinista norte-americano Will Eisner, que absolutamente não se sustentava (o que fica claro para qualquer um que se dê ao trabalho de ler o álbum inteiro e não se meta a julgá-lo apenas por uma imagem isolada). Ou até mesmo com deslizos de linguagem aparentemente ingênuos, como o início de uma reportagem sobre o prêmio HQ-Mix, a maior premiação do quadrinho brasileiro, no canal Globo News, em agosto de 2015, quando o jornalista inicia a matéria, em geral positiva, com a frase “Diversão para gente grande!” .

Não seria exagero afirmar que a Academia se abriu para as histórias em quadrinhos. Nos últimos dez anos, pude presenciar um crescimento muito grande no número de teses e dissertações dedicadas a esse tema, nas mais variadas áreas do conhecimento. Tenho participado de bancas sobre quadrinhos em áreas como Medicina, Letras, Tradução, Direito, Comunicação, Matemática, Física, Fisioterapia, Biologia, Educação, etc. Eu não saberia afirmar se existe agora, claramente, um maior interesse por parte dos alunos de graduação e pós em desenvolver pesquisas sobre histórias em quadrinhos, ou se, na verdade, esse interesse sempre existiu, mas estava represado, ou, melhor dizendo, reprimido pela dificuldade em encontrar professores que se dispusessem a orientar essas pesquisas. Talvez um pouco dos dois. O fato concreto é que hoje podemos encontrar muito mais pessoas pesquisando quadrinhos nas universidades. Isso é muito bom para os quadrinhos. Mas, ainda mais, isso é muito bom para as universidades, que têm muito a ganhar pela reflexão científica em torno das histórias em

quadrinhos, um meio de comunicação e uma manifestação cultural que vem afetando a vida de milhões de pessoas há mais de um século e que têm muito a nos dizer sobre a vida, sobre a realidade, sobre os anseios e ideologia de seus criadores e da sociedade onde foram concebidas. Sempre defendi que nenhuma universidade pode se dar ao luxo de ignorar as histórias em quadrinhos e fico feliz em ver que hoje muitas delas se abrem para a linguagem gráfica sequencial, tanto em termos de pesquisa como em termos de ensino.

InCID: Você permanece em plena atividade, à frente de disciplinas, organizando colóquios de HQ, dirigindo revistas.... Quais são seus planos em relação à Academia? O que você gostaria de ver acontecer na universidade brasileira? Qual o seu conselho para os jovens pesquisadores que enveredam pela carreira acadêmica hoje?

Waldomiro Vergueiro: Eu penso que um dia deverei me afastar totalmente, deixando a continuidade das bandeiras que carreguei durante minha vida profissional inteira nas mãos de outros pesquisadores e professores. Na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, felizmente, já existem vários colegas – alguns ex-alunos meus, inclusive -, carregando alguma dessas bandeiras, e fazendo isso com uma galhardia, dedicação e qualidade que eu jamais consegui atingir. Fico muito feliz com isso e creio que, nesse sentido, posso ficar tranquilo e reduzir paulatinamente minha participação na área. Mas ainda existem questões, especialmente na área da pesquisa em quadrinhos, que precisam de minha atenção e sofreriam com minha ausência neste momento. Assim, continuo em atividade.

Infelizmente, é muito difícil, na universidade brasileira, estabelecer uma continuidade de áreas de pesquisa, muita coisa acaba dependendo excessivamente de esforços individuais. O ingresso de novos pesquisadores muitas vezes é dificultado, as vagas não se ampliam e o afastamento de um pesquisador antigo pode comprometer o desenvolvimento de toda uma área. Assim, nós, mais velhos e experientes, temos, na medida do possível, que planejar a nossa retirada, formando aqueles que darão prosseguimento ao nosso trabalho. Essa tem sido a minha maior preocupação nos últimos tempos e espero conseguir criar condições para essa continuidade no espaço em que atuo, a Universidade de São Paulo.

Eu sempre busquei, como pesquisador e professor, fazer alguma diferença no circuito de produção do conhecimento. Jamais levei em consideração os modismos ou me interessei em pesquisar áreas com maior prestígio social, em tentar agradar comissões de avaliação científica,

em colecionar financiamentos a projetos de pesquisa, em atingir níveis específicos de classificação em agências de fomento. Busquei identificar espaços em que senti que poderia dar uma contribuição efetiva e me engajei neles. Jamais me preocupei que alguém roubasse o meu espaço ou que eu pudesse vir a roubar o espaço de alguém. A ciência é grande demais, tem espaço para todos. Ninguém precisa se preocupar com concorrência, pois o avanço científico se sustenta na diversidade de opiniões. Assim, eu penso que é importante ao pesquisador identificar o espaço onde ele pode realmente fazer alguma diferença para o avanço do conhecimento, um espaço em que se sinta bem pessoal e profissionalmente, e se dedique a preencher esse espaço com tudo o que tiver de melhor. E nunca ter medo de partilhar, de dividir seu conhecimento com os demais, especialmente com os alunos, pois, na medida em que se partilha o que se sabe, mais longe se consegue chegar. É importante buscar um ambiente em que se trabalhe verdadeiramente em equipe, um ambiente em que todos produzem e todos crescem pelo esforço conjunto.

Jamais me considerei especialmente dotado intelectualmente ou mais capacitado do que qualquer outra pessoa. Apenas procurei dedicar à minha profissão o melhor de mim, tentando vencer minhas limitações e trazendo uma efetiva contribuição à vida daqueles que deveria servir, especialmente os alunos e os colegas de profissão, tanto os bibliotecários como os demais professores de Ciência da Informação e Comunicação. Creio que é esse o melhor conselho que posso dar aos jovens pesquisadores: que entreguem o melhor de si à pesquisa e à docência na área que escolheram, que não tenham meias medidas, que não desanimem perante as dificuldades e que construam o seu espaço sem retirar o espaço de ninguém, pois não há necessidade disso. Sonhar é possível. E é também muito bom.

Entrevista enviada em: set. 2015